



CLÍNICA DO AQUILOMBAMENTO: FORMAÇÃO, RACIALIZAÇÃO E ESCUTA ANTIRRACISTA

AQUILOMBAMENTO'S CLINICAL: TRAINING, RACIALIZATION AND ANTIRACIST LISTENING

Jorge Xavier dos Santos Filho   Universidade Federal de Pernambuco,
Pernambuco, Brasil.

Marília Galdino de Almeida Costa   Universidade Federal de Pernambuco,
Pernambuco, Brasil.



**Revista
Práxis em Saúde**

Ano III | Volume III | n II | Florianópolis | 2025 | ISSN: 2966-1056

DOI: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2395>

CLÍNICA DO AQUILOMBAMENTO: FORMAÇÃO, RACIALIZAÇÃO E ESCUTA ANTIRRACISTA

AQUILOMBAMENTO'S CLINICAL: TRAINING, RACIALIZATION AND ANTIRACIST LISTENING

Jorge Xavier dos Santos Filho¹
Marília Galdino de Almeida Costa²

Resumo: O presente trabalho pretende refletir sobre a atuação de dois psicólogos clínicos, pensando na formação e práxis, questionando a ideia de neutralidade, a partir da ruptura com o formato colonial e universal em que a branquitude se estrutura de forma invisibilizada para manutenção da hierarquização e opressão nas relações, que segue marcando a psicologia no Brasil. Com isso, pontuamos a importância da racialização dos psicólogos, pensando a partir da metáfora do quilombo proposto por Abdias Nascimento, colocando em cena os atravessamentos da racialidade na subjetivação do psicólogo e do paciente, pensando um psicólogo negro que escuta homens negros e uma psicóloga branca escutando pessoas negras, considerando a interseccionalidade, para criar novas possibilidades de um fazer clínico antirracista. O racismo segue adoecendo, causando sofrimentos intensos e mortes. Com isso, é necessário um olhar crítico sobre as bases epistemológicas que constituem a psicologia brasileira e, em especial, a psicologia clínica. Acreditamos na importância do quilombamento para que possamos firmar um compromisso ético em direção a uma clínica antirracista que combata o racismo e todas as formas de opressão a populações historicamente excluídas e não siga sendo um lugar de reprodução de violências.

Palavras-chave: Psicanálise; Clínica Antirracista; Branquitude; Racialização; Aquilombamento.

Abstract: This paper aims to reflect on the practice of two clinical psychologists, focusing on their training and praxis, while questioning the idea of neutrality by breaking away from a colonial and universal model in which whiteness is structured in an invisible way to maintain hierarchy and oppression in relationships—a legacy that continues to shape psychology in Brazil. In this context, we highlight the importance of the racialization of psychologists, drawing from the metaphor of the quilombo as proposed by Abdias Nascimento. We consider how raciality intersects with the subjectivities of both psychologist and patient, reflecting on a Black psychologist listening to Black men and a white psychologist listening to Black individuals, through an intersectional lens, to create new possibilities for an antiracist clinical practice. Racism continues to cause illness, intense suffering, and death. Therefore, a critical perspective on the epistemological foundations of Brazilian psychology—and especially clinical psychology—is essential. We believe in the importance of quilombamento as a means to establish an ethical commitment toward an antiracist clinical practice that actively opposes racism and all forms of oppression against historically marginalized populations, preventing clinical spaces from remaining sites of violence reproduction.

Keywords: Psychoanalysis; Antiracist Clinical Practice; Whiteness; Racialization; Aquilombamento.

¹ Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, é Psicólogo clínico e desenvolve pesquisa no campo da Psicologia do Desenvolvimento e tem atuação na área clínica antirracista utilizando a Psicanálise como referencial teórico. E-mail: jorge_xavier_f@hotmail.com

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. É psicóloga clínica e desenvolve projetos em diversos coletivos que buscam alinhar a escuta psicanalítica, a luta antirracista e democratização da psicanálise. E-mail: mariliagaldino.psi@gmail.com

INTRODUÇÃO

A psicologia se construiu dentro do território brasileiro a partir da centralização de uma epistemologia branca e oriunda do norte global. Isso se evidencia na estrutura dos cursos de Psicologia até os dias de hoje, com autores predominantes brancos, do gênero masculino, europeus, compondo a base teórica curricular e o apagamento de outras epistemes. Tudo isso ajudou a construir uma ideia de sujeito universal, atemporal, independente do contexto e da cultura em que está inserido, além de haver um apagamento dos atravessamentos constitutivos de gêneros, raça e classe social (Queiroz; Araújo, 2024).

Érico Andrade (2022) tece uma crítica a posição de centralidade de Freud, considerado Pai da Psicanálise e clássico da psicologia, que representa o compromisso da área com a universalidade de um tipo de sujeito, o branco. Pois, Freud ao cunhar conceitos iniciais da Psicanálise estaria centrada no contexto sociocultural da sociedade europeia de sua época, colocando os pressupostos dessa cultura como universais às demais. Logo, há um apagamento dos sujeitos negros na teoria da psicanálise que ele criou. Fanon (2020) desfere uma grande ferida narcísica na psicanálise ao apresentar que a branquitude não é universal e superior às demais culturas. É uma identidade entre outras, capaz de gestos de violência e de cuidado, como outras culturas. Esse golpe fez quebrar um espelho na qual a branquitude se via como a única humanidade possível.

Cida Bento (2022) conceitua o pacto da branquitude enquanto um acordo não verbalizado de preservação de um grupo nos melhores lugares sociais, relacionado à manutenção dos privilégios brancos que é determinante para entender as relações raciais no Brasil. É importante que as pessoas brancas através do processo de racialização reflitam sobre o jeito de ser e estar no mundo, se responsabilizem sobre seus privilégios e façam uso deles no enfrentamento do racismo, se tornando aliados na luta antirracista.

Enquanto para as pessoas negras, é importante encontrar formas para lidar com o trauma que se repete cotidianamente através do racismo. Grada Kilomba (2019) fala que o trauma que as pessoas negras vivenciam, é constantemente reencenado e restabelecido no cotidiano a partir do racismo, quando a branquitude

novamente as coloca em lugar de um “‘Outra/o’ subordinado e exótico” (p. 215), um trauma histórico e coletivo da escravização e do colonialismo que raramente é discutido nas disciplinas da psicologia e da psicanálise. Deste modo, a neurose é mais complexa e não é propriedade de uma cultura. O sofrimento que incide sobre as subjetividades negras é de ordem colonial (Andrade, 2022). Esse trauma se apresenta, se repete e se reatualiza diariamente. Por isso, se não considerarmos a racialidade, a psicanálise, a psicologia e suas diversas abordagens, estarão fadadas a condenar pessoas negras a esse projeto colonial.

Assim, surge a ideia de clínica do aquilombamento inspirados a partir do quilombismo de Abdias Nascimento (2019), a necessidade de produção/recuperação da memória das pessoas negras para além da escravidão, mas de formas simbólicas e subjetivas que dificultaria a incorporação da discriminação racial no psiquismo das pessoas negras. Queremos com isso dizer que a clínica do aquilombamento é experienciar o quilombo como metáfora viva que reflete as relações político-sociais que atravessam a clínica, a racialização do olhar e escuta clínica a partir de uma perspectiva antirracista e contracolonial e na construção de aglutinações de aliados na luta.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um relato de experiências, a partir de reflexões e partilhas de dois psicólogos clínicos que atendem na cidade de Recife. Foram selecionados seis casos de pacientes atendidos a mais de 2 anos e utilizados os registros escritos dos atendimentos. Os rumos e leituras foram surgindo a partir do diálogo entre os profissionais (Queiroz; Araújo, 2024), um psicólogo negro em suas escutas a homens negros e uma psicóloga branca escutando pessoas negras. Utilizando bases epistêmicas de uma psicanálise contemporânea engajada e racializada. Além de acreditarmos numa clínica racialmente implicada, antirracista, afetada e corporificada, a qual queremos denominar aqui como uma clínica do aquilombamento. Uma clínica que considera a interseccionalidade e que busca criar possibilidades pela aproximação da psicologia/psicanálise com um fazer clínico antirracista e contracolonial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um olhar interseccional geralmente leva em consideração a classe social, o gênero e a raça como dimensões existenciais que juntas formam opressões específicas a determinados grupos. Estar atento ao contexto permite que a psicologia olhe para as relações que as pessoas estabelecem no e com o mundo (Queiroz; Araújo, 2024). Nesse trabalho, queremos nos debruçar prioritariamente sobre o olhar interseccional e o olhar do contexto que aparecerá em nosso relato como parte da peculiaridade de cada sujeito no e com o mundo que vive. Para melhor organizar nossas reflexões, alçamos em três tópicos que nos ajudaram a entender a repercussão do racismo e a prática de uma clínica do aquilombamento.

A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES EM HOMENS NEGROS

Uma imensa dificuldade de se abrir, de falar e nomear seus sentimentos, se permitir chorar, foi o que identifiquei enquanto repetição entre um grupo de homens negros que atendia. Bell Hooks (2022) faz uma análise histórica e apresenta que devido ao processo de escravização e colonização as pessoas negras precisam realizar uma interdição de suas emoções como um mecanismo de defesa, para sobreviver a crueldade que enfrentavam. Os pais não podiam expressar afetos positivos pelos seus filhos, pois estes poderiam ser enviados para longe.

Essa dificuldade de expressar os sentimentos na atualidade, trata-se muitas vezes de não reconhecer em si essas emoções, sejam elas positivas ou sejam negativas, levando a patologização deles. Um dos pacientes diagnosticado com bipolaridade relacionava seus sentimentos à patologia, iniciando o atendimento dizendo: *“Essa semana estou me sentido meio depressivo”* (Luiz³, 26 anos), mas se tratava de uma semana em que ele se deparou com bastante recordações de seu passado em que seria esperado ficar triste e nostálgico e não se tratava de uma fase depressiva da bipolaridade. Em algumas situações era necessário nomear o sentimento que ressoava em mim a partir da escuta. Dizer que: *“[...] o que você me contou, me fez*

³ Os nomes utilizados para os pacientes são fictícios.

sentir uma tristeza enorme.” (Intervenção com Rogério, 49), “[...] sentir uma raiva que revoltava [...]” (Intervenção com Sebastião, 66), ou “[...] em momentos felizes é importante comemorar, ficar feliz.” (Intervenção com Luiz, 26). Para depois escutar espontaneamente a identificação do que sentia, se permitir chorar e falar sobre suas emoções no espaço do set psicanalítico, significando-as.

Perceber uma nova identidade de homem negro no encontro com outro homem negro capaz de expressar seus sentimentos. Entender o set como espaço de resistência e resiliência para se reinventar e construir um novo jeito de ser que não fique refém do colonialismo.

A REATIVIDADE ENQUANTO ÓDIO E A AGRESSIVIDADE NAS PESSOAS NEGRAS

Neusa Santos (1990), fala que o Ideal do Ego em nossa sociedade é branco, sua constituição se dá por processos contínuos de repetição imagética na mídia, nos livros escolares, nos manuais técnicos e assim por diante. O problema para a subjetividade dos negros e das negras nesse processo, é que o Ideal do Ego é uma exigência – dificilmente burlável – que o Superego vai impor ao Ego. E a medida de tranquilidade e harmonia interna é dada pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o Ideal do Ego. Ou seja, o racismo estrutural condena as pessoas negras a se verem como inadequadas, com baixa autoestima. Elas se tornam reativas às violências sofridas e tentam lutar contra as adversidades e são apontadas e nomeadas como agressivas.

“Eu era uma criança negra, bolsista, em uma escola particular e era apontado como um menino agressivo, que se envolvia em brigas” (Caio, 20). Ele falava do seu sentimento de inadequação e não pertencimento na escola e por isso muitas vezes sentia raiva de si mesmo, da sua imagem e condição, se culpando por isso. [...] Em uma das sessões perguntei a Caio qual a raça das pessoas que ele mencionava e a partir daquele momento teve início o processo de racialização do paciente e um outro olhar para as situações vividas e narradas [...] (Intervenção com Caio, 20 anos). Foi durante as sessões, a partir da fala, do processo de nomeação e apropriação de sua negritude que este paciente pôde elaborar a culpa e outros sentimentos relacionados às violências sofridas.

A importância de uma escuta racializada está em criar um espaço para que o sujeito possa nomear os racismos vividos e o manejo seja na aposta de um deslocamento do sentimento de culpa para que o sujeito possa dar outros destinos a sua raiva, que costumavam ir de encontro ao seu próprio corpo, podendo ser destinados a outros lugares.

OS RISCOS DE NÃO TER UMA ESCUTA RACIALIZADA

Outro ponto importante é que se olharmos o racismo pelos conceitos tradicionais psicanalíticos poderiam estar reproduzindo o racismo. Érico Andrade (2022) relata que muitas pessoas negras tinham suas vivências de racismo compreendidas como mania persecutória. Essas pessoas eram vistas pelo ponto de vista clássico branco numa dimensão fantasmática, numa conspiração de ordem persecutória e o manejo clínico seria combater a fantasia com algum dado da realidade, negando assim essa fantasia.

“Eu tinha medo de ser acompanhada por uma psicóloga branca. Medo de não ser escutada e sofrer violência em um lugar onde eu buscava escuta, acolhimento e cuidado” (Julia, 28 anos). Mesmo eu sendo uma psicóloga branca, pudemos construir um vínculo, a partir de um trabalho sustentado por uma ética, escuta e manejo que considerava os atravessamentos da racialidade e dos efeitos do racismo em sua vida. Ali, naquele trabalho ela não foi violentada e sim acolhida e escutada, como deve ser. [...] Pontuei para ela a importância dela poder falar sobre tudo naquele espaço[...]. (Intervenção com Julia, 28 anos)”

Fanon (2020) afirma que a acolhida do sofrimento negro só é possível quando se desvia do foco nos conceitos constituintes clássicos da psicanálise para contemplar formas de escuta que compreende pessoas que tem o racismo como centro de seus sofrimentos. E propõe um manejo que supere o sentimento de inferioridade e a compreensão do seu sofrimento na negação de negritude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, faz-se necessário uma responsabilização da Psicologia no enfrentamento de uma lógica racista, para isso é importante uma práxis crítica e em

constante (des)construção e reinvenção. É preciso propor novas formas de fazer, dar lugar a uma encruzilhada, que possibilite abertura para criar outros caminhos possíveis e não sigamos mais com a ideia de um único caminho possível. O que trazemos em nossos relatos são experiências de nossas buscas por alternativas, na proposta de diálogos para juntar forças.

Antes de esgotar como agir na clínica do aquilombamento, a chave se encontra em perceber o sofrimento oriundo do racismo, e isso só é possível com uma prática clínica que escute os atravessamentos constitutivos de raça, gênero e classe social. Alguns caminhos que podem facilitar este processo: Identificar se as pessoas compreendem seus sentimentos nas situações que vivem, se isso estiver acontecendo, é importante ajudá-las a se reconectar com as suas emoções a partir de intervenções que auxiliem no processo de nomeação desses sentimentos e desmitifique concepções equivocadas; Perceber se existe raiva direcionada a si e se estão ligadas a sentimentos de inferioridade, construídos a partir de um padrão branco inalcançável; Realizar a acolhida deste sofrimento em direção a construção de outras referências.

Nossos passos não são únicos, vão no caminho de reconstrução de uma subjetividade refém do racismo e em busca de novos caminhos, a partir da metáfora do quilombo, aglutinar pessoas como os mesmos ideais - aliados, aqueles que estão na luta, que é ética e política. Fazer memória de uma outra história para construção de um ideal do Eu que não se restrinja ao passado colonial e construir formas criativas de ser e estar no mundo, recriando as potencialidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Érico. Não sou um psicanalista? Negritude e antinegritude na psicanálise. **Revista Tempo Psicanalítico**, [S. l.], v. 54, n. 2, p. 405–418, 2022. Disponível em: <https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/743>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BENTO, M. A. S. **Pacto da branquitude**. —1a ed. —São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FANON, F. **Pele Negra Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

HOOKS, B. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidades. (V. da Silva Trad.) /. São Paulo: Elefante, p. 272, 2022.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. J. Oliveira, Trad.) Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo, Rio de Janeiro: Perspectiva, Ipeafro; 2019.

QUEIROZ, Verônica; ARAÚJO, Gabriela. Branquitude, racismo e psicologia clínica: críticas para a construção de uma clínica antirracista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 15, n. 43, 2024. Disponível em: <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/1616>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SANTOS, Neuza. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

Submetido em: 10/04/2025 | Aceito em: 30/06/2025 | Publicado em: 18/08/2025